ANACRHÔNICAS DA FRANCA DO IMPERADOR nº 45 2025_24nov

LEITURAS RECENTES

Acabo de receber o livro “Dança de enganos” que encerra trilogia que Milton Hatoum escreveu abordando a história de dois personagens principais durante a ditadura militar no Brasil, revisitando o passado, amores e perdas, já está na lista de espera para a leitura. Junta-se a uma pilha de livros para ler, todos em papel. Entre os que terminei nos últimos tempos, destaco um emprestado pelo camarada Gil Russi, autor da bela capa do novo livro da Atalie. Trata-se da graphic novel “A arte de voar”, de Antonio Altarriba & Kim, uma premiada obra prima vinda da Espanha. Conta uma história emocionante, a vida de um homem que suicida aos 90 anos. Para entender esse gesto radical, seu filho vai seguindo o fio das memórias que o pai contava, ligando a história pessoal do homem com a da Espanha e da própria Europa desde os tempos da guerra civil espanhola nos anos 1930 até a virada do século XXI. Pra quem gosta de HQ, literatura e história, recomendo fortemente a leitura, edição bem cuidada da Vêneta.
Outro que acabei de ler foi o romance “A casa sobre rocha”, do José Lourenço Alves, um promotor de justiça aposentado que virou artista multimeios: escreve romances, poemas, compõe músicas, tem tempo pra participar das tertúlias da Academia Francana de Letras, literalmente correr maratonas e olhar a cidade do alto. Sua profícua gestão à frente da AFL resgatou a entidade e tornou-a centro de produção cultural. Seu único deslize foi me convidar para participar mas, como sempre faço nessas circunstâncias, respondo com a célebre frase de um marxista da linha Groucho: “não entro em clube que me aceita como sócio”.
O romance tem uma premissa interessante como ponto de partida: a continuação das histórias dos personagens do livro “A casa de areia” publicado em 1939 pelo escritor francano Antônio Constantino. De leitura fácil e, embora às vezes caia no maniqueísmo ou na inserção militante pouco sutil de temas caros à luta antirracista atual, lembra pessoas, revisita a memória da cidade ao perpassar épocas e locais distintos da paisagem urbana de uma Franca que não existe mais. É um bom exemplo da literatura local que merece a leitura e as valorosas análises críticas que diversos escritores fizeram na imprensa da cidade sobre seu lançamento, como Baltazar Gonçalves.
Já “Cidade Sonâmbula”, graphic novel do arquiteto, desenhista e pintor francano Ivo Indiano é uma iniciativa pessoal, editada e publicada pelo próprio autor do roteiro e desenhos. Seu domínio do desenho, do enquadramento é uma viagem pelos sonhos mais estranhos do próprio criador, cujo interesse se situa mais nos cenários onde a trama se desenrola, é uma grande colagem que às vezes faz o leitor ter que voltar para entender o rumo que a coisa caminha, assim como as páginas finais, com texto excessivo para uma HQ. É uma obra de arte que reúne beleza e estranheza, memória e história, ficção e peças que o onírico nos prega, elevando a qualidade da arte da banda desenhada na velha Franca do Imperador.
Li outro trabalho de artista francano, o roteiro para um filme intitulado “Vira o disco” de Alexis Nehemy, apoiado pela Lei Paulo Gustavo. A leitura é cheia de obstáculos porque tem que descrever o objetivo e o contexto da cena a todos envolvidos, desde atores, diretores, técnicos. As cenas se desenrolam a partir da decisão de um dos personagens de ir para Brodowski, mas há cenas na casa da “vó Vitória”, que homenageia a própria avó do autor e a inevitável repressão policial ao liberalismo dos personagens que bebem e saem dirigindo carros. Enfim, não tenho competência para julgar roteiros, gostaria de vê-los transformados em cenas animadas.
Por fim, “Relógio de Gelo”, de Maria Helena Zeotti, mais uma autora da cidade publicada por uma editora local (Artefato) que traz um livro de difícil catalogação, pois incorpora elementos da filosofia, da ecologia, da arte e faz o leitor circular por diversos elementos da leitura. Confesso que achei difícil a leitura, em parte pelas qualidades do texto, parte pelo que sinto como excessos, faltou talvez uma crítica editorial para “cortar” algo. A autora afirma ser um romance (mais de 200

páginas), mas a obra é um verdadeiro caleidoscópio que reafirma as buscas das vanguardas literárias do século XX, embora a escritora pretenda situá-la no século XXI, pois mistura poesia, pensamentos, prosa truncada, onomatopeias, citações, inventações gráficas na distribuição do texto. Não cria exatamente uma história, mas uma descrição autoral de lugares, situações, que vão se encadeando e seguindo o fluxo incontrolável de emoções humanas.

No fundo, apesar do pouco apoio governamental e da iniciativa privada, da falta de divulgação, da precariedade de meios e modos, há muita arte e muita criação rolando pelas ruas da velha Franca do Imperador. Certamente Antônio Constantino e Luiz Cruz aprovariam esse dinamismo cultural, quanto mais arte, melhor.

Mauro Ferreira é arquiteto